

## O MAIS EUCARÍSTICO DOS HINOS: O *PANGE LINGUA* DE S. TOMÁS DE AQUINO

*António Manuel Ribeiro Rebelo\**

Associando-nos à celebração do Ano da Eucaristia que a Igreja tem vindo a celebrar, por louvável iniciativa do saudoso Papa João Paulo II, é nosso propósito comentar aqui o mais eucarístico de todos os hinos e um dos que disputa os lugares cimeiros no panorama dos hinos cristãos atendendo apenas às qualidades poética e himnódica, bem como à respectiva importância litúrgica: o *Pange Lingua*.

Por encomenda do Papa Urbano IV, S. Tomás de Aquino compôs o texto do Ofício Divino e da Missa para a festa do Corpo de Deus, celebração que este Pontífice introduziu universalmente no calendário litúrgico no ano de 1264. O hino *Pange Lingua* foi concebido inicialmente como uma sequência<sup>1</sup>. As primeiras

---

\* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

<sup>1</sup> Na primeira metade do séc. IX, no mosteiro de Jumièges, na actual Bélgica, nasceu um novo género de lírica litúrgica: a sequência (*sequentia*). É, no fundo, uma forma abreviada da antiga designação 'versus ad sequentias' que exprime a substituição do prolongamento melódico em forma de *iubilatio* da última sílaba (-a) do Aleluia por um outro texto, mantendo a melodia original. É com este canto que termina o gradual (i. e. o cântico entre a epístola e a leitura do Evangelho que acompanha o momento de o sacerdote passar da página da epístola (segunda leitura) para a página do Evangelho).

Devido ao pragmatismo inerente à criação deste novo género litúrgico, as sequências não podiam estar sujeitas a um esquema versificatório regular (as chamadas sequências não-reguladas, também designadas por *prosaie*, na Idade Média), mas conquistaram um lugar próprio na liturgia.

De um modo geral, o tema das sequências é o do dia da festa. A sequência atingiu o seu apogeu no séc. X e o centro desta produção era o mosteiro de Sankt Gallen (na Suíça). O seu poeta mais importante foi, na época, Notker Balbulus. As sequências mais antigas eram cantadas alternadamente por dois semi-coros (um de homens e outro de jovens), a chamada execução responsorial, em que cada segunda parte (o responsório ou canto de resposta) correspondia no número de sílabas ao da primeira parte. A cada uma destas estrofes corresponde uma unidade coerente no sentido. Uma sequência pode ser constituída por diversos pares de estrofes.

palavras foram claramente influenciadas pelo famoso hino à Santa Cruz, *Pange lingua gloriosi*, composto no séc. VI por Venâncio Fortunato. Esta composição era cantada na adoração da cruz, uma cerimónia de Sexta-Feira Santa, bem como nas festas da exaltação e da invenção da Santa Cruz<sup>2</sup>. O hino de S. Tomás de Aquino imita a marcha triunfal do de Venâncio Fortunato. Está organizado em seis estrofes de tetrâmetros trocaicos catalécticos em ritmo intensivo e apresenta na cesura e no final dos versos um esquema rimático dissilábico do tipo ababab.

Os especialistas têm sido unânimes no reconhecimento das elevadas qualidades literárias e teológicas deste hino – a sua extrema clareza lógica e precisão dogmática; a sua força argumentativa e pedagógica; a beleza resultante de uma exploração invulgar dos recursos estilísticos, designadamente os prosódico-versificatórios. Aliás, há quem afirme que o ritmo do *Pange lingua* deriva de uma canção triunfal alusiva à submissão das Gálias por César, entoada pelas suas legiões enquanto marchavam: *Ecce, Caesar nunc triumphat qui subegit Gallias*.

As diversas estrofes que integram o hino podem ser subdivididas em vários núcleos temáticos. Analisemos o primeiro grupo constituído pelas duas primeiras estrofes.

**Estr. 1-2.** Tema: apresentação do objecto do hino (estr. 1) e preparação do núcleo central (estr. 2).

A 1ª estrofe parafraseia as palavras sacramentais da celebração eucarística: “accipite et manducate ex hoc omnes. Hoc est enim *corpus* meum... accipite et bibite ex eo omnes. Hic est enim calix *sanguinis* mei, noui et aeterni testamenti, *mysterium* fidei, qui pro uobis et pro multis *effundetur* in remissionem peccatorum!”

Pange, lingua, gloriosi	Proclama, ó língua, o mistério
Corporis <i>mysterium</i> <sup>3</sup>	Do corpo glorioso
Sanguinisque pretiosi <sup>4</sup> ,	E do sangue precioso,
Quem in mundi pretium <sup>5</sup> ,	Que o Rei das nações,
Fructus <sup>6</sup> ventris <sup>7</sup> generosi,	Fruto de um nobre ventre,
Rex effudit gentium.	Verteu por resgate do mundo.

<sup>2</sup> Vd. *Analecta Hymnica Medii Aevi*, ed. C. Blume & G. M. Dreves (Leipzig 1886-1922; reimpr.: Frankfurt am Main 1961), 55 vols., vol. 50 [1907], pp. 71-73.

<sup>3</sup> Cf. 1Tim 3,9.

<sup>4</sup> Cf. 1Ptr 1, 19: (*redempti estis*) *pretioso sanguine Christi*.

<sup>5</sup> *in mundi pretium* – a preposição tem sentido final; *mundi* é um genitivo objectivo. O sentido desta expressão corresponde a *in remissione peccatorum*.

<sup>6</sup> Aposto de *rex*

<sup>7</sup> *Fructus ventris* – a partir do relato de Lc 1, 42, foi absorvido na oração *Ave Maria*, para a qual S. Tomás remete.

Nobis datus, nobis natus <sup>8</sup> ,	Foi-nos dado, para nós nasceu,
Ex intacta Virgine,	De uma Virgem imaculada,
Et in mundo conversatus <sup>9</sup> ,	E tendo vivido no mundo
Sparso <sup>10</sup> verbi <sup>11</sup> semine,	Espargindo a semente da palavra,
Sui moras <sup>12</sup> incolatus <sup>13</sup>	Concluiu com uma ordem maravilhosa
Miro <sup>14</sup> clausit ordine <sup>15</sup> .	A sua permanência na terra.

A regra ou ordem miraculosa (para não dizermos ‘misteriosa’, que, se não tivesse outras conotações, seria a palavra mais apropriada) a que este último verso alude, é a disposição expressa no Evangelho de Lc 19, 22: *hoc facite in meam commemorationem* (‘faça isto em memória de mim’), retomada por S. Paulo em 1Cor 11, 24, i.e. a perpetuação da celebração eucarística tal como ela foi desejada e ordenada por Jesus, que por amor Se oferece aos homens de duas formas. A fórmula da consagração inclui em si a entrega do Seu corpo e o derramamento do Seu sangue para remissão dos pecados, mas simultaneamente o mistério da Eucaristia é uma dádiva igualmente gratuita de Deus aos homens que queiram recordar esta entrega de amor (*in meam commemorationem*) e O queiram acolher dentro de si.

**Estrofes 3-4.** Tema: O núcleo central baseado na instituição do sacramento da Eucaristia por Jesus Cristo na Última Ceia e no dogma da transubstanciação.

A terceira estrofe estabelece a ligação entre o Antigo e o Novo Testamento: Cristo, rodeado pelos 12 Apóstolos, os novos representantes das 12 tribos de Israel, é o novo cordeiro imolado pela salvação da Humanidade, o novo povo de Deus, como também recorda S. Paulo em 1Cor 5, 7.

A quarta estrofe é a mais rica do ponto de vista dogmático e é a que melhor serve os propósitos do Papa Urbano IV.

<sup>8</sup> *Nobis datus, nobis natus* – em consonância com a profecia messiânica de Isaías (Is 9, 5: *parvulus natus est nobis, filius datus est nobis*).

<sup>9</sup> *in mundo conversatus* – cf. Jo 1, 10, onde se fala da vida humana de Cristo: *in mundo erat*.

<sup>10</sup> *Sparso* = *sato*, uma metáfora para as pregações de Jesus. A parábola do semeador é interpretada em Mc 4, 14: *Qui seminat, verbum (sc. Dei) seminat*.

<sup>11</sup> *verbi* é um genitivo expletivo.

<sup>12</sup> *moras* – uma forma poética, no plural, em vez de *tempus, spatium*.

<sup>13</sup> Genit. dependente de *moras*. Subentende-se aqui *in terris*.

<sup>14</sup> *Miro* – este adjectivo indica, segundo a definição escolástica, que, na transubstanciação do pão e do vinho em corpo e sangue de Cristo, ocorre um *miraculum praeter naturam*.

<sup>15</sup> *ordo* – ordem, medida, regra, mandamento.

In supremae nocte coenae Recumbens <sup>16</sup> cum fratribus <sup>17</sup> , Observata lege plene Cibus in <sup>18</sup> legalibus, Cibum <sup>19</sup> turbae duodenae <sup>20</sup> Se dat <sup>21</sup> suis manibus	Na noite da sua última ceia Ao sentar-se à mesa com seus irmãos, Em pleno respeito pela lei, Com os alimentos de preceito, Por suas próprias mãos aos doze Se oferece em alimento
Verbum caro <sup>22</sup> panem verum <sup>23</sup> Verbo <sup>24</sup> carnem <sup>25</sup> efficit <sup>26</sup> ; Fit <sup>27</sup> sanguis Christi merum <sup>28</sup> . Et si sensus <sup>29</sup> deficit <sup>30</sup> , Ad firmandum cor <sup>31</sup> sincerum <sup>32</sup> Sola fides sufficit <sup>33</sup> .	O Verbo feito carne, à Sua palavra transforma Em carne o pão verdadeiro; O vinho torna-se sangue de Cristo. E, se os sentidos não forem capazes, Para assegurar o coração impoluto, A Fé, só por si, é suficiente.

<sup>16</sup> O verbo denota ainda o modo como as pessoas comiam na época romana.

<sup>17</sup> *fratribus* i. e. os apóstolos. Esta advertência é desnecessária, mas não vá algum Dan Brown lembrar-se de que, por exemplo, com base nestas palavras, S. Tomás de Aquino considera que os apóstolos eram todos filhos de Nossa Senhora... ou de qualquer outra ideia ainda mais peregrina...

<sup>18</sup> *in* – instrumental, pois é através da utilização dos *cibi legales* na ceia pascal que a lei do Antigo Testamento relativa à celebração pascal é respeitada. Cf. as prescrições de Deus a Moisés no cap. 12 do *Livro do Êxodo*. Aos *cibi legales* pertencem o cordeiro pascal, os pães ázimos e as ervas.

<sup>19</sup> *Cibum* – predicativo de *se*; epanalepse poliptótica de *cibus* para explicar que o sacramento do altar é o cumprimento da ceia pascal presente no AT. Por outro lado, em consonância com a lei antiga, também na Eucaristia se utilizam pães ázimos.

<sup>20</sup> *turbae duodenae* – dativo; refere-se obviamente aos 12 apóstolos.

<sup>21</sup> *dat* – presente histórico, em vez do perfeito da estrofe 2 (*clausit*); é depois retomado na estrofe 4 (*efficit*), gerando uma transição fluente entre a instituição histórica do sacramento da Eucaristia e a repetição do processo de transformação que acontece no presente durante a celebração eucarística.

<sup>22</sup> *Verbum caro* – *caro* é um aposto e significa: o verbo feito carne, i. e. *incarnado*. Cf. Jo 1, 4: *verbum caro factum est*.

<sup>23</sup> *Verum* está a adjectivar *panem* e não *caro*, pois *caro*, *carnis* é feminino. Todavia, podemos considerar a aplicação do adjectivo *verum* a *panem* uma hipálage; a liturgia fala de ‘verdadeira comida’ e de ‘verdadeira bebida’, pelo que seria legítimo traduzirmos por ‘transforma, à Sua palavra, o pão em verdadeira carne’.

<sup>24</sup> *Verbo* – ablativo instrumental. *Verbo carnem* – formalmente trata-se de uma epanalepse em poliptoto de *Verbum caro*, mas o sentido de *verbum* já é diferente.

<sup>25</sup> *carnem* – predicativo.

<sup>26</sup> *efficit* = *facit*.

<sup>27</sup> *Fit* – o presente isola a frase da sua relação com a instituição histórica do sacramento da Eucaristia por Jesus Cristo.

<sup>28</sup> *merum* – ‘vinho puro’: forma poética de dizer *vinum*.

<sup>29</sup> *sensus* – singular colectivo para designar os sentidos em geral.

<sup>30</sup> *deficit* – está aqui em antítese a *sufficit*.

<sup>31</sup> *cor* – no antigo sentido de *ratio*.

<sup>32</sup> *sincerum* – ‘impoluto’.

<sup>33</sup> *sufficit* – ‘ter força suficiente’.

É o mesmo pão ázimo do Antigo Testamento que se irá transformar no pão da vida do Novo Testamento. O instrumento da libertação do homem velho dá início à libertação do homem novo. Tal como os antigos haviam tomado o pão ázimo na última noite antes da passagem, isto é, antes da Páscoa (< ‘pesach’), também Cristo renova *in nocte supremae cenae* este ritual antes da Sua própria Páscoa, i. e. antes da Sua passagem para o Reino dos Céus. É que, com a Sua Ressurreição, Cristo rasga uma nova passagem (para uma vida gloriosa) que franqueia generosamente ao homem novo.

A quarta estrofe está repleta de recursos estilísticos. S. Tomás condensa em breves palavras conceitos doutrinários tão importantes quanto os da matéria de Fé atinentes ao mistério da Eucaristia, sem, todavia, descuidar a precisão dogmática e a clareza e simplicidade do pensamento que, aliadas à harmonia versificatória, ilustram bem a destreza artística da sua veia poética. O sentido literal é o seguinte:

**O Verbo [feito] (ou: que é) carne faz com que, por meio da [Sua] palavra, o pão verdadeiro se transforme em carne. O vinho torna-se sangue de Cristo. E se os sentidos não conseguirem [dar segurança ao coração puro ou, *lato sensu*, compreender, apreender ou medir o alcance deste mistério], basta a Fé para conferir firmeza (ou segurança, certeza,..) ao coração sincero.**

O coração puro ou sincero é o coração impoluto, não influenciado ou influenciável por heresias ou preconceitos que ponham em causa uma leitura límpida da verdade factual e dogmática da instituição da Eucaristia por Jesus Cristo.

Daqui podemos tirar as seguintes ilações:

1. É a repetição das palavras pronunciadas por Cristo que realiza o mistério eucarístico da transubstanciação.
2. Nesse mistério, o pão genuíno, i. e. natural, torna-se efectivamente verdadeira carne.
3. O vinho transforma-se de facto em sangue de Cristo.
4. Trata-se de um mistério que os nossos cinco sentidos não conseguem captar, uma vez que nos encontramos perante um mistério metafísico.
5. Só a Fé nos dá absoluta certeza da sua realização.
6. Só um coração puro e sincero, livre de preconceitos e alheio a ideias que possam afectar essa Fé, estará em condições de compreender a grandeza do que está em causa na Eucaristia.

Repare-se que S. Tomás, nesta quarta estrofe, faz rimar *efficit* com *deficit* e *sufficit*. *Efficit* remete para a *efectiva* realidade do mistério. *Deficit* está em antítese a *sufficit*, pois o recurso à mesma raiz semântica, fazendo variar o preverbo, reforça a antítese. É que os dois meios escolásticos de reconhecimento (*sensus* e *fides*) são contraditórios relativamente ao dogma da transubstanciação. Na verdade, *sensus*, *cor* e *fides* remetem para as três formas escolásticas

de reconhecimento (*lumen oculorum, lumen rationis, lumen fidei*) e todas elas se conjugam na exclamação final da fórmula de consagração: *mysterium fidei!* (mistério da Fé!).

**Estrofes 5 e 6.** Tema: A atitude dos fiéis para com o Santíssimo Sacramento do altar. Louvor e glória à Santíssima Trindade (doxologia).

Tantum ergo sacramentum <sup>34</sup> Veneremur cernui <sup>35</sup> .	Por isso veneremos prostrados Tão grande sacramento.
Et antiquum documentum <sup>36</sup> Novo cedat ritui <sup>37</sup> .	E que a antiga lei Ceda ao novo rito.
Praestet fides supplementum Sensuum defectui.	Que a Fé nos proporcione forma de suprir A imperfeição dos nossos sentidos.
Genitori genitoque Laus et jubilatio, Salus, honor, virtus <sup>38</sup> quoque Sit et benedictio.	Ao Pai e ao Filho Louvor e júbilo, Salvação, honra e também Poder e bênçãos.
Procedenti ab utroque <sup>39</sup> Compar <sup>40</sup> sit laudatio.	E Àquele Que procede dos dois, Igual louvor.

Há, na história da liturgia católica – e já desde Adão de S. Victor –, registo de doxologias<sup>41</sup> idênticas ou muito semelhantes à da que temos na última estrofe.

Esta duas últimas estrofes finais são entoadas separadamente já desde o séc. XIV por ocasião da bênção sacramental. Actualmente é cantado na reposição processional do Santíssimo, de Quinta-Feira Santa, e na procissão da festa do Corpo de Deus.

<sup>34</sup> Na custódia.

<sup>35</sup> *cernuus, a, um* – curvado, inclinado para diante; aqui em função predicativa (refere-se à atitude do corpo em adoração).

<sup>36</sup> *documentum* – remete para o significado original de *docere* (‘ensinar’), relativamente às regras veterotestamentárias aplicadas ao cordeiro pascal (Ex 12).

<sup>37</sup> *Novo ritui*: a celebração eucarística que dá continuidade ao sacrifício do cordeiro pascal do AT. Cf. as palavras da consagração: *calix... noui et aeterni testamenti*.

<sup>38</sup> *virtus* – poder, força. Em vez de *laus, iubilatio, benedictio* ou *laudatio*, o autor recorre a *salus, honor* e a *virtus*. Estes substantivos descrevem não o acto de louvar, mas as respectivas causas.

<sup>39</sup> *Procedenti ab utroque* – o Espírito Santo; S. Tomás remete para a definição do Concílio da Calcedónia (451) e o respectivo artigo do Credo (*Qui ex patre filioque procedit*).

<sup>40</sup> *Compar* – no original está em função atributiva.

<sup>41</sup> Doxologia (do grego *doxa* – ‘glória’ e *logos* – ‘palavra’: ‘palavras de exaltação’) é a fórmula de glorificação e de louvor que remata grande parte das composições litúrgicas cuja tradição já existia desde o Antigo Testamento.

NO ANO DA EUCARISTIA

Tal foi o êxito desta separação que actualmente muitos cristãos só conhecem este belíssimo hino pelo título de *Tantum ergo*... Todavia, uma boa parte, senão a maior, da beleza literária e do interesse dogmático deste hino reside nas estrofes anteriores.

Resta-nos advertir o leitor do seguinte: a nossa tradução não tem pretensões literárias; procura, antes, reproduzir com a maior fidelidade o sentido do original latino.

